

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO**

MANUEL MARQUES DE OLIVEIRA NETO

**RELATÓRIO TÉCNICO DO PROJETO EXPERIMENTAL FRONTEIRA DE FÉ: A
PRÁTICA DO ISLÃ EM URUGUAIANA**

São Borja

2023

MANUEL NETO

**RELATÓRIO TÉCNICO DO PROJETO EXPERIMENTAL FRONTEIRA DE FÉ: A
PRÁTICA DO ISLÃ EM URUGUAIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de jornalismo da
Universidade Federal do Pampa como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Eloísa Joseane
da Cunha Klein

São Borja

2023

"O diálogo inter-religioso pode se tornar cada vez mais escuta comum do único Logos de Deus, que nos doa a paz, apesar das nossas divergências, das nossas contradições e até das nossas divisões".

Joseph Ratzinger

MANUEL MARQUES DE OLIVEIRA NETO

FRONTEIRA DE FÉ: A PRÁTICA DO ISLÃ EM URUGUAIANA

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 1º/02/2023.

Banca examinadora:

Prof.ª Dra. Eloísa Joseane da Cunha Klein
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto
UNIPAMPA

Prof.ª Dra. Roberta Roos Thier
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **LEANDRO RAMIRES COMASSETTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/02/2023, às 15:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ROBERTA ROOS THIER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/02/2023, às 13:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ELOISA JOSEANE DA CUNHA KLEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/02/2023, às 12:35, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1044092** e o código CRC **D4ACF8EB**.

RESUMO

Este trabalho busca trazer informações sobre a prática do islã, através da produção do documentário audiovisual jornalístico “Fronteira de Fé: a prática do Islã em Uruguaiana”, que, utilizando-se das potencialidades do audiovisual, apresenta a comunidade muçulmana do município, sua fé e como ela é vivida. Uruguaiana, localizada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, possui uma das maiores colônias árabes-palestinas do estado, por meio do qual o Islã foi introduzido na cidade. A ideia do documentário surge do contraste entre a presença da religião islâmica e de seus seguidores no município e a falta de material midiático de fácil acesso e consumo sobre o tema, o que pode contribuir para o desconhecimento e fomentar preconceitos contra esse grupo. Desta forma, o produto audiovisual investiga e expõe, através de três personagens, a religião islâmica e seus pilares, a forma como é organizada e praticada, a experiência de muçulmanos na cidade e sua influência junto à comunidade local.

Palavras-Chave: Documentário Audiovisual Jornalístico; Islã, Muçulmanos, Uruguaiana.

ABSTRACT

This work aims to report the production of the journalistic documentary “Fronteira de Fé: a prática do Islã em Uruguaiana”, that, by using the potentialities of the audiovisual, presents the muslim community of the city, their faith and how it is lived. Uruguaiana, located in the western region of Rio Grande do Sul, has one of the biggest arab palestinian colonies in the state, through which Islam was introduced in the city. The idea for the documentary emerged from the contrast between the relevant presence of the islamic religion and their followers in the city and the lack of easily accessible material about the topic in the media, something that can add to the ignorance and foment prejudice against this group. Therefore, this audiovisual product investigates e exposes, through three characters, the islamic religion and its pillars, the way it is organized and practiced, the experience of muslims in the city and their influence in the local community.

Keywords: Journalistic Documentary, Islam, Muslims, Uruguaiana.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O ISLÃ NO BRASIL.....	9
3 RELIGIÃO E MÍDIA.....	11
3.1 Mídia Local.....	12
3.2 O Islã no noticiário.....	13
4 DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL E JORNALISMO.....	14
4.1 O gênero documental e sua narrativa	14
4.2 Aproximações com o Jornalismo.....	16
4.3 Potencialidades do Youtube.....	18
5 PRODUÇÃO E DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	18
5.1 Pré-produção e Fontes.....	19
5.2 Produção e entrevistas.....	20
5.3 Pós-produção e montagem.....	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A produção do documentário “Fronteira de Fé” foi precedida pela ideia de realizar uma monografia sobre a cobertura de assuntos religiosos na mídia do município de Uruguaiana. A ideia seria investigar se haviam e como ocorriam as referências às principais datas e eventos das religiões católica, evangélica, espírita, umbandista e islâmica. Após uma análise inicial de notícias sobre religião em âmbito nacional e municipal ser realizada (mais detalhes no item 3.1), foi possível observar que a religião predominante no Brasil, o Catolicismo, apresenta maior diversidade de temas cobertos pela mídia. Evangelicalismo e Espiritismo seguem a mesma tendência, porém em menor grau; enquanto religiões como o Islã e a Umbanda aparecem em jornais principalmente através de um prisma político e criminalista, indo de encontro ao conceito de “imaginário exclusivista” da mídia sobre religião, como é exposto por Cunha (2016).

Parte da ideia de abordar o Islã no trabalho surgiu de um desconhecimento pessoal dessa religião, notado há alguns anos atrás, mesmo com a grande representatividade dessa comunidade no município. Durante a pesquisa, notei a falta de material de fácil acesso sobre o islamismo em Uruguaiana e sobre a colônia árabe que introduziu a religião na cidade. Isto foi o que iniciou o desejo de trabalhar o tema através do audiovisual, impulsionado ainda por um interesse pessoal sobre religiões. A intenção inicial era também tratar sobre a Umbanda no documentário, mas a dificuldade de contato com membros da religião fez com que o foco ficasse apenas no Islã.

Segundo o Censo demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 35.167 pessoas são muçulmanas no Brasil. Entretanto, segundo Waniez e Brustlein (2001), desde os anos 90 as Sociedades Benéficas Islâmicas questionam esses dados e estimam que o país possua cerca de 1 milhão de muçulmanos. Também conforme os autores, a propagação da religião começa a crescer e ganhar a relevância e os contornos atuais que possui no país no século XIX, através da diáspora de povos árabes - principalmente sírios, libaneses e palestinos. Estes imigrantes se espalharam por todo o território nacional, incluindo o interior de diversos estados.

Em Uruguaiana, há cerca de 236 muçulmanos, também conforme o Censo do IBGE. As informações sobre este grupo, como dito, são escassas e foi necessário ter contato direto com os membros da colônia árabe, de maioria palestina, do município para tirar dúvidas. A Sociedade Árabe Palestina e a Sociedade Benéfica Islâmica de Uruguaiana (SBIU), que buscam manter a comunidade unida em torno de sua identidade étnica e religiosa, além de

realizar ações de caridade, estimam que a cidade possui hoje pouco mais de 230 pessoas de origem árabe-palestina, em sua maioria muçulmana, além de um pequeno grupo de libaneses, de maioria cristã, que iniciaram sua migração no fim dos anos 1940. Ambas as Sociedades afirmam ainda que a colônia palestina do município é uma das maiores do Rio Grande do Sul e que já chegou a ser ainda mais proeminente nos anos 1990, quando o município tinha por volta de 1.500 pessoas de origem árabe.

A presença dessa comunidade e do Islã pode ser facilmente observável pelos moradores da cidade. Ao caminhar pelo centro de Uruguaiana é possível notar diversos bazares e lojas cujos proprietários têm origem árabe. A ligação com o comércio é antiga e muitas pessoas ainda se lembram dos “mascates turcos”, os vendedores ambulantes que comercializavam diferentes produtos de porta em porta ao chegarem no país e a partir disso criaram suas lojas e negócios próprios. Também é possível presenciar membros da colônia conversando em árabe ou mulheres muçulmanas cobertas com o véu (hijab). Além disso, todo uruguaianense já deve ter ouvido o “adhan”, o chamado para a oração dos muçulmanos que ecoa da mesquita do município cinco vezes por dia.

A disparidade entre esta representação histórica da comunidade muçulmana em Uruguaiana e a pouca penetrabilidade dessa religião e de seus temas na mídia municipal consolidou e justificou a criação de um documentário sobre o tema. Junto ao fato de ser abordado na mídia brasileira “como algo estranho para a cultura nacional” (MONTENEGRO, 2002b, p. 83), as representações do Islã - ou a falta delas - podem estar relacionadas inclusive ao preconceito nutrido contra essa religião, algo já observado pessoalmente por mim em comentários de pessoas próximas que relacionam o Islã à “agressividade”, ao “terrorismo” e até mesmo a uma atitude “anticristã”.

Assim, como forma de introduzir e desmistificar a religião, sua filosofia e prática, foi definido como objetivo a produção de um documentário audiovisual sobre os muçulmanos e a sua vivência do Islã na cidade de Uruguaiana. Especificamente buscou-se investigar a religião islâmica e as bases desta fé; a intersecção entre a comunidade árabe do município e o Islã; e o processo de conversão de alguém fora da colônia árabe.

A divulgação digital do conteúdo no Youtube foi escolhida como a melhor opção para construir algo de fácil acesso que lide com a problemática do desconhecimento com relação ao tema, já que as possibilidades abertas pelas diversas mídias e plataformas de comunicação atuais dão espaço para novas percepções e relações com a religião (SBARDELOTTO, 2018) ao tirar vantagem da maior possibilidade de acesso e interação com o produto.

2 O ISLÃ NO BRASIL

O Islã é considerado a religião que mais cresce no mundo e possui hoje cerca de 1,6 bilhão de seguidores, chamados de muçulmanos. No Brasil, a religião foi primeiro introduzida por meio dos malês, termo usado para se referir aos africanos islamizados que foram escravizados e trazidos ao país no século XVIII, processo classificado por Ribeiro (2012) como “islamismo de escravidão”. Os malês eram constituídos em sua maioria por pessoas letradas, capazes de ler e escrever em árabe, o que permitiu certa ascensão social, mesmo que limitada, a alguns escravos, além da organização em torno da religião islâmica, não obstante o “o jugo catolicizante a que foram submetidos” (RIBEIRO, 2012, p, 111). Este grupo também protagonizou diversas rebeliões e insurreições de escravos contra seus senhores, em especial na Bahia, o que resultou em prisões e confisco de textos em árabe que circulavam entre eles (RIBEIRO, 2012).

Conforme Ribeiro (2012), sinais do islã praticado podiam e ainda podem ser encontrados em sincretismos ocorridos com o catolicismo e o candomblé, mas, mesmo com a maior liberdade de culto no Brasil após a abolição da escravatura, o “islamismo de escravidão” perdeu força e não deixou registros significativos na atualidade.

A expansão da religião começou a acontecer mesmo no século XIX, com a chegada de imigrantes árabes da Síria, Líbano e Palestina, entre os quais uma parcela eram seguidores do Alcorão e deram início ao período do “islamismo de imigração”, definido como a segunda fase da religião no Brasil (RIBEIRO, 2012). Estes imigrantes chegaram ao país com documentos emitidos pelo Império Otomano, que dominava tais regiões na época, e, por isso, passaram todos a serem designados popularmente como “turcos” (WANIEZ, BRUSTLEIN, 2001). O termo persiste até hoje apesar de ser considerado pejorativo.

Mesmo sendo uma religião universal e estar presente em todo o mundo, o Islã ainda é muito associado aos árabes devido ao local de nascimento da religião, a Arábia, e à imigração deste povo ser um dos principais fatores - junto de conquistas militares - que levou o islã a novos continentes (RIBEIRO, 2012, p. 107).

Apesar dos muçulmanos ainda serem minoria entre os migrantes árabes nessa época, eles também conseguiram ultrapassar a barreira cultural e religiosa e se inserir na comunidade brasileira, alçando-se socialmente principalmente por meio da atividade comercial, e se organizando através da criação de mesquitas e das Sociedades Benéficas Muçulmanas, instituições que objetivam manter unida a comunidade em torno de sua identidade religiosa.

a primeira sociedade beneficente muçulmana no Brasil, com 62 pessoas arroladas, originárias da Síria, Líbano, Palestina, Nova Granada e Egito. Poucos anos depois, em 15 de junho de 1933, é publicada a primeira edição do jornal sírio Az-Zikra, a primeira publicação muçulmana no Brasil. Com construção iniciada em 1929, a primeira mesquita do Brasil e da América Latina é inaugurada em 1960 [...] em São Paulo. (RIBEIRO, 2012, p. 119).

A migração palestina ao Brasil ganha ainda mais força a partir da invasão sionista na região, que leva à instabilidade econômica e produz, em 1948, a guerra contra o recém-criado Estado de Israel (JARDIM, 2006). É a partir dessa época que a grande comunidade palestina do Rio Grande do Sul e de Uruguaiana, tema deste trabalho, começa a ser formada.

Apesar de haver disputa quanto a quantidade exata de muçulmanos hoje no Brasil, a presença deste grupo religioso é grande, apesar de discreta. Conforme o Censo de 2010, 35.167 brasileiros são muçulmanos, um crescimento considerável comparado aos 27.239 contabilizados em 2000. Este aumento ocorrido após a chegada e a organização dos imigrantes muçulmanos no Brasil gerou o terceiro momento do Islã no Brasil, chamado por Ribeiro (2012) de “islamismo de conversão”. O interesse e a entrada de brasileiros nativos e também de descendentes de árabes que foram criados em outra religião no Islã é o que marca esse momento. Ribeiro afirma que a cobertura da mídia sobre a conversão de pessoas famosas como o boxeador Muhammad Ali, nome árabe adotado por Cassius Clay e, curiosamente, de eventos trágicos e polêmicos como ataques terroristas por muçulmanos radicais teve “um efeito positivo para o islamismo na medida em que desperta a curiosidade do indivíduo para com esta prática” (RIBEIRO, 2012, p. 123). Mesmo que essa cobertura possa ser falha ou equivocada, gera um interesse pelo exótico. Ribeiro (2012) destaca ainda que cerca de 70% dos convertidos no Brasil são mulheres.

Marques (2011) vai dar destaque ao convertido, principalmente cristãos católicos, que, decepcionados com a religião antes imposta, decidem rejeitá-la e substituí-la. A autora diz que a falta de laços comunitários e similaridades entre o Islã e o cristianismo são fatores determinantes da conversão: “a aceitação dos outros profetas e de similaridades da mensagem divina, principalmente entre esses cristãos que se converteram, propicia um melhor reconhecimento do Islão como uma religião a seguir.” (MARQUES, 2011, p. 33).

Marques também reflete sobre o processo que nomeia como “refiliação”, ou “retorno à tradição” (MARQUES, 2011, p. 34) marcada por jovens de origem árabe-muçulmana que, diante de um afastamento da família do Islã, decide retornar aos preceitos do Alcorão.

Apesar de ser realizado de forma comedida, o trabalho missionário dos muçulmanos também têm importância no cenário de conversões. Desde a criação da primeira sociedade

beneficente muçulmana, existem publicações sobre o Islã circulando no país, porém o uso da internet e das redes sociais foi o que permitiu alcançar um público ainda maior por meio da criação de sites e comunidades virtuais onde se pratica o “dawah”, o convite que os muçulmanos são incentivados a fazer aos não muçulmanos para que conheçam a sua fé. (RIBEIRO, 2012); A inserção online também foi essencial para que o acesso à informação sobre o Islã e seus pilares fosse mais largamente difundido e os interessados pudessem tirar suas dúvidas.

3 RELIGIÃO E MÍDIA

Permeando todas as sociedades, a religião estará em diferentes âmbitos desta, assim como a comunicação e o jornalismo. Contudo, existe uma preponderância de exposição para religião dominante, no caso brasileiro, o catolicismo (CUNHA, 2016). A religião, porém, vai além da cobertura jornalística e adentra todos os meios de comunicação.

Pesquisas iniciais sobre o tema iniciaram a partir do crescimento de pregadores cristãos na televisão norte-americana (SOUSA, 2018). Neste contexto, os programas religiosos na televisão - e também nas rádios - não só amplificou a voz desses pregadores, mas se tornou um “elemento importante, um elemento fundamental do contato religioso, da celebração religiosa, da experiência religiosa” (MARTÍN-BARBERO, 1995 apud SOUSA, 2018, p. 281). A ideia de que os meios de comunicação passam a afetar a prática e a experiência religiosa abre caminho para se pensar a midiatização da religião. Neste processo, as lógicas da mídia e as lógicas religiosas afetam-se mutuamente e geram mudanças na prática social da religião (SOUZA, 2018).

A midiatização pode ser melhor definida “como o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica” (HEPP, 2014, apud SOUSA, 2018, p. 287).

Para Sbardelotto (2018), o ambiente digital fornece um novo local para se exercer a religião. Neste novo local:

Formam-se novas modalidades de percepção, de experiência e de expressão do “sagrado” em novos ambientes comunicacionais, mediante a exponencial quantidade de textos, imagens, sons e vídeos religiosos que circulam ininterruptamente em plataformas sociodigitais como Facebook, Twitter, Instagram, YouTube e WhatsApp, dentre outras. (SBARDELOTTO, 2018, p. 72).

Em um ambiente como esse, a circulação comunicacional de uma religião é ampliada e existe a possibilidade de que toda a pessoa se aproprie da crença de maneira autônoma e pública. Tais possibilidades complexificam a religião e a experiência religiosa em tempos de midiatização e conexões digitais, fazendo emergir uma nova forma de religião entre o humano e o divino. (SBARDELOTTO, 2018).

3.1 Mídia Local

Partindo do conceito de que os meios de comunicação afetam a prática religiosa, ainda quando a ideia era trabalhar o tema em forma de monografia foi feita uma pesquisa inicial sobre que tipo de cobertura era dado a temas e datas religiosas em três das principais rádios de Uruguaiana, como o objetivo de observar a capilaridade de cada uma das religiões mais seguidas (Catolicismo, Evangelicalismo, Espiritismo, Islamismo e Umabanda) do município na mídia local.

Para isso, valendo-se de técnicas da análise de conteúdo, foram observadas a programação das seguintes rádios: Charrua, Jovem Hits e Rádio Elshadday. Foi considerado ainda como as programações das rádios noticiaram as comemorações e atividades de católicos e umbandistas no Dia de Nossa Senhora dos Navegantes e de Iemanjá, ambos comemorados em dois de fevereiro de 2022. A data foi escolhida por apresentar caráter sincrético e permitir verificar se haveria diferença na forma de tratamento das duas religiões. Além disso, a programação exibida pelas rádios no dia primeiro de abril, que marcou o início do Ramadã em 2022, a principal data do calendário islâmico, também foi acompanhada para observar se haveria referência a esse período sagrado para os muçulmandos.

Foi notado que, das três rádios analisadas, somente a Charrua não possui um programa voltado ao público religioso. A Jovem Hits apresenta semanalmente o programa Espiritismo no Ar, no qual se discutem temas relacionados à fé espírita e assuntos gerais sobre um viés religioso. Já a Rádio Elshadday é uma rádio gospel, apresentando uma variedade de programas voltados ao público evangélico em meio ao seu conteúdo jornalístico e musical. Esses programas são “Caminhos para a Adoração”, focado em evangelização e realizado com a Igreja Cristo Vive; “A Cadeia da Prece”, realizado junto da igreja Quadrangular e voltado para a leitura da Bíblia; e “Pelos Caminhos da Vida”, também sobre evangelização e desenvolvido pela Quadrangular. Todos esses programas são diários e apresentados por pastores do município. Não há programas sobre religiões afro-brasileiras nem sobre o islã em nenhuma das rádios.

Quanto à notificação das festas de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá no dia dois de fevereiro, no “Jornal da Tarde”, da Charrua, a data foi a primeira coisa noticiada no programa, com o locutor explicando a importância religiosa que o evento tem para os católicos e anunciado a carreata que a igreja realizaria ao fim da tarde. Houve somente uma breve menção às celebrações de Iemanjá. Já no “Jornal da Hits”, exibido pela Jovem Hits, a data também foi lembrada logo no início. Fez-se referência às homenagens realizadas à beira do Rio Uruguai pelos umbandistas e foi dada a notícia de que os povos de terreiro não iriam realizar procissões nem carreatas, somente celebrações nos terreiros. Foi ainda comunicada em detalhes a programação da igreja Católica, com a realização de missas e carreatas. A rádio Elshadday não fez referência à data. Nenhuma das rádios fez referência ao Ramadã.

O resultado aprofundou a percepção de que o conhecimento e a comunicação de temas voltado ao Islã estava restrito ao contato direto com a comunidade muçulmana e não encontrava maior repercussão em outros espaços ou na mídia, enquanto outras religiões possuem maior receptibilidade midiática, com programas específicos ou cobertura e divulgação de eventos.

3.2 O Islã no Noticiário

Apesar do crescimento e do trabalho para se organizar socialmente, Montenegro (2002a, p. 60) explica que “o islamismo não chamou a atenção para pensar os caminhos da religiosidade local porque, muitas vezes, foi visto como uma religião étnica professada por descendentes de imigrantes”. A autora continua afirmando que, pelo menos no âmbito acadêmico, é dada mais ênfase ao estudo das religiões com maior número de seguidores e que não fujam da “homogeneidade cultural” brasileira (MONTENEGRO, 2002a, p. 61).

O interesse midiático sobre o Islã seguia esta mesma tendência, mas a disposição de ambos os campos foi alterada após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center, nos Estados Unidos. Marques (2011) detalha que o acontecimento colocou a religião em evidência como forma de buscar respostas aos atentados, porém a mídia focou na figura do radicalizado e em questões polêmicas como o direito das mulheres em nações islâmicas.

Montenegro ressalta que: “no caso dos muçulmanos, a imprensa aparece como um dos agentes mais importantes, dado que os reconhece e individualiza como grupo, ou ao escrever sobre eles, os “cria” e torna socialmente visíveis de um modo bastante específico”. (MONTENEGRO, 2002b, p. 64). Ela vai demonstrar em sua pesquisa etnográfica que a

repercussão midiática levou a construção de contradiscursos de autorepresentação dentro das mesquitas e meios de comunicação internos dos muçulmanos brasileiros em que se criticava em especial a forma como a mídia, principalmente o jornalismo, trata o Islã como uma religião étnica, dos árabes, e de difícil aceitação no Brasil, e vê com estranheza o aumento de conversões no país. Segundo os grupos muçulmanos, tais ideias vão contra o princípio da universalidade da religião e da “ummah”, a comunidade mundial formada por todos os muçulmanos independente de raça, etnia ou diferenças culturais de cada país.

Ademais, Montenegro (2002b) destaca questionamentos sobre a liberdade da mulher como um dos pontos sempre destacados em matérias sobre o Islã, focando principalmente nos direitos femininos em países muçulmanos e no casamento poligâmico permitido somente ao homem. Nos círculos muçulmanos isso era criticado por abordar interpretações culturais do Alcorão e lembravam que casamentos poligâmicos não aconteciam no Brasil, além de reprovar as representações de mulheres totalmente cobertas nos jornais, já que no Brasil somente o lenço (hijab) é usado.

Esse esforço da comunidade junto de uma representação ficcional do “mundo árabe” e da religião islâmica trazida ao público brasileiro pela novela “*O Clone*”, exibida de outubro de 2001 até o início de 2002, serviu de contraste a uma exposição estigmatizante do jornalismo e à repercussão negativa do 11 de setembro e trouxe uma visão mais positiva do Islã, que permitiu conhecer o “outro” e separar os homens e mulheres de fé muçulmanos da figura do terrorista (MARQUES, 2011).

4 DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL E JORNALISMO

Enquanto gênero próprio, o documentário pode ser definido como uma produção que objetiva apresentar recortes da realidade, reconstruindo momentos ou exibindo acontecimentos sociais. Neste item, busca-se apresentar as características de um documentário, aquilo que o diferencia de outras produções e sua aproximação com o jornalismo.

4.1 O gênero documental e sua narrativa

Bill Nichols (2010, p. 48) irá afirmar que os “documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam de apenas um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos”. A produção de documentários ao longo de sua história foi

alterada pelo próprio desenvolvimento tecnológico de equipamentos e do cinema. O trabalho de definição e delimitação desse gênero é tarefa complicada, porém, existem alguns elementos para pensar esse tipo de produção em suas particularidades e potencialidades. Aqui destacamos a forma subjetiva de abordar a realidade e o uso da retórica e montagem.

Como fenômeno comunicacional, o documentário é perpassado pela subjetividade, oferecendo um contato mediado e construído com a realidade. Como coloca Nichols (2010) é a organização e seleção do diretor que irá tornar visível uma realidade social. Classificado como não ficção, o documentário, também conforme Nichols (2010), se diferencia de filmes de ficção, que irão mostrar mundos imaginados pelo realizador, por apresentar novas visões de nosso mundo compartilhado, almejando instalar crença no espectador. Apesar disso, não há nenhum método que garanta uma exposição 100% fiel da realidade. O que há no documentário, segundo Ramos (2000), é a possibilidade de se fazer “proposições assertivas” sobre o real. Tais asserções, ou afirmações sobre o mundo real sempre acontecem, seja pelo narrador (voz-over) ou pelo depoimento de entrevistados. As asserções afastam o documentário da ficção, pois possuem certo grau de razoabilidade e podem vir a ser confirmadas (RAMOS, 2000).

No campo da recepção, Ramos (2000, p. 197) aponta que “em geral temos um saber social prévio, sobre se estamos expostos a uma narrativa documental ou ficcional. Como espectadores, fruimos a narrativa em função deste saber prévio”. Nichols (2010) também vai lembrar que o espectador sempre se aproxima de um novo filme com suas experiências, referências e expectativas próprias, afetando sua recepção da obra.

Partindo do preceito de que as asserções nos documentários estão envoltas em subjetividade, ainda mais em um gênero autoral como o documentário, Nichols (2010) irá propor que é a organização de uma obra documental que irá sustentar seu argumento e marcar mais uma característica própria do documentário. A disposição de tomadas e cenas gravadas, chamada pelo autor de montagem, é diferente em um documentário e uma obra ficcional. Nesta última, para garantir continuidade, tenta-se invisibilizar os cortes, enquanto no documentário essa preocupação não existe e a montagem serve para reforçar a história e o argumento do realizador.

Podemos supor que aquilo que a continuidade consegue na ficção é obtido no documentário pela história: as situações estão relacionadas no tempo e no espaço em virtude não da montagem, mas de suas ligações reais, históricas. A montagem no documentário com frequência procura demonstrar essas ligações. (NICHOLS, 2010, p. 56).

O uso de documentos é a última característica que destacamos como própria do documentário, ressaltando a classificação de dois tipos diferentes de documentos feita por Melo, Gomes e Morais (2001). Estes tipos seriam o material, definido como aqueles que “estão num suporte material por já terem sido produzidos anteriormente” (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 8) e o imaterial que se apresenta na forma de relatos de entrevistados “e só a partir do documentário enquanto filme irão se tornar parte da memória” (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 9) como os documentos materiais.

4.2 Aproximações com o Jornalismo

A reportagem jornalística audiovisual e o documentário audiovisual apresentam diversos pontos de convergência em sua narrativa e produção. Sodré e Ferrari (1986, p. 11) irão destacar a forma narrativa como principal característica da reportagem, que surge do “desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (que, o que, como, quando, onde, por quê)”. Em suas narrativas, reportagem e documentário vão lidar com temas factuais e buscar, no geral, fidelidade a esses fatos. Nesse processo, vão se utilizar de fontes documentais - materiais e imateriais.

Sodré e Ferrari (1986) vão inclusive colocar a reportagem documental como modelo usado em documentários televisivos. Este tipo de reportagem vai se aproximar da pesquisa, usando citações para complementar a narrativa, o que dá um caráter pedagógico a este modelo.

As narrativas do jornalismo, assim como as do documentário, também serão impactadas pela subjetividade. Assim, o jornalismo é uma representação do mundo real e não uma reprodução, como classifica Nichols (2010) ao falar do documentário, já que o repórter, assim como o diretor, também faz escolhas ao selecionar fontes ou montar o material final. Para Mayra Gomes (2000), a organização discursiva feita pelo jornalismo ao buscar objetividade se utiliza da referencialidade, que diz respeito ao constante uso de sinais que remetem ao real em suposta plenitude, por mais que os meios de referencialidade (as entrevistas, as fotos, os gráficos) todos sejam mediados e não uma forma de apreender a realidade em si.

O uso de entrevistas é um dos fatores mais claros de semelhança entre jornalismo e documentário, apesar de haverem produções que não as utilizam. As entrevistas vão contribuir para que diferentes tipos de fontes abordem os acontecimentos sociais através de seu ponto de vista e contribuam para “oferecer uma perspectiva mais ampla” (NICHOLS,

2010, p 159) dos fatos. Isso, porém, não irá afetar o caráter autoral de uma produção: “A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem” (NICHOLS, 2010, p 160).

O caráter autoral de um documentário pode ser considerado assim um dos principais pontos de diferença da reportagem (MELO; GOMES; MORAIS, 2001), mas também um fator de semelhança, já que reportagens também podem ser subjetivas e a própria escolha de fontes indica autoralidade.

A autoralidade como fator de diferença pode ser levada em conta quando consideramos que a fórmula de uma reportagem audiovisual permanece sendo essencialmente a mesma desde os anos 50, quando o telejornalismo iniciou no Brasil, utilizando-se de off, passagem e sonora (NODARI, 2006). Um diretor teria assim mais liberdade para explorar diferentes caminhos estéticos e narrativos.

“Embora nas reportagens seja possível observar-se a repetição constante de um mesmo formato, no documentário isso não constitui uma regra, sobretudo porque não existe forma definida a ser seguida. O realizador não é obrigado a adotar nenhum estilo (além daquele desejado por ele)” (NODARI, 2006, p. 10). Nichols (2010) vai afirmar que fatores institucionais impõem uma “maneira de ver e falar” (2010, p. 51) que pode afetar também o formato de documentários, apesar de isso não impedir a inovação individual por parte do documentarista.

Neste sentido, Melo, Gomes e Moraes (2001, p. 4) vão afirmar que as limitações e exigências próprias da rotina jornalística e de um telejornal vão garantir uma característica única na forma de exibição de um documentário:

No caso das grandes reportagens, a dinâmica do trabalho jornalístico e as rotinas impostas por ele permitem que as mesmas sejam veiculadas com um “certo imediatismo” se comparadas com a produção e veiculação dos documentários. [...] Por outro lado, os documentários, embora com um certo vínculo com a atualidade e contextualização dos seus temas, tem um compromisso menor com a rotatividade da informação nos meios massivos. Daí que, sua produção torna-se insustentável para as emissoras e desinteressante do ponto de vista econômico.

As autoras vão destacar que para além do cinema, o documentário é veiculado principalmente em canais de televisão educativos ou por assinatura. No contexto atual, os meios de divulgação se expandem para o streaming, redes sociais e outros sites e plataformas digitais.

Logo, reportagem e documentário apresentam narrativas semelhantes, que se utilizam de documentos e são imbuídas de subjetividade e autoralidade - apesar de isso poder ocorrer em níveis diferentes - e tem na entrevista uma das principais formas de lidar com os acontecimentos factuais que buscam representar. As diferenças despontam na possibilidade de inovação dos formatos do documentário enquanto a reportagem é em geral limitada por uma fórmula usada na grande maioria das produções. A reportagem ainda é exibida como parte de um programa de telejornal enquanto o documentário é exibido em diferentes suportes.

4.3 Potencialidades do Youtube

Em uma cultura de convergência como explicada por Jenkins (2009), as novas plataformas e tecnologias digitais levam à união de diferentes linguagens e formatos, o que traz uma transformação para a comunicação como um todo. A partir das redes sociais e plataformas digitais, a produção de conteúdo e de jornalismo se torna cada vez mais descentralizada e antigos parâmetros e regras podem ser postos em xeque, com o Youtube possuindo um importante papel neste processo (HOEWELL; GRUSZYNSKI, 2017).

Focado inteiramente no compartilhamento de vídeos, o Youtube é o site mais acessado no Brasil, com mais de 100 milhões de brasileiros acima de 18 anos visitando a plataforma mensalmente.

Como a produção jornalística no Youtube permite e até mesmo demanda exploração de novos formatos, possibilitada pela convergência e características novas das diferentes plataformas, assim como forma de engajar um público cada mais participativo e polissêmico, optou-se pela publicação do documentário produzido neste site e o uso do gênero documental em suas particularidades - sem formatos específicos - como maneira de explorar essas possibilidades e manter o caráter jornalístico do produto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Neste item apresentamos detalhes da produção do documentário “Fronteira de Fé: a prática do Islã em Uruguaiana”, e descrevemos escolhas metodológicas e técnicas usadas para a composição do produto. A ideia para o documentário era apresentar as bases da religião islâmica e a forma como ela é vivida pela comunidade muçulmana de Uruguaiana, com visita à mesquita do município e gravação das orações. Desde o início, a possibilidade de apresentar

a história de conversão de um morador da cidade para o Islã foi aventada, caso houvesse a possibilidade.

Para pensar a composição do produto, utilizou-se como referencial as três etapas de produção de um documentário audiovisual definidas por Puccini (2009): pré-produção, produção e pós-produção.

5.1 Pré-produção e Fontes

Puccini (2009) vai destacar que a pré-produção de um audiovisual documental inicia com uma pesquisa sobre o tema a ser tratado, utilizando recursos como pré-entrevistas e análise de arquivos. Diferente de uma produção ficcional, não há obrigatoriedade de produção de roteiro durante a pré-produção de um documentário, já que somente a delimitação do tema e propostas de filmagem já podem orientar o início das gravações e muitas vezes é impossível detalhar cena a cena de um produto documental sem as imagens já gravadas.

Devido a falta de informações sobre a história da comunidade muçulmana de Uruguaiana, o processo de pré-produção deste trabalho não utilizou roteiro e se iniciou com pesquisas sobre o Islã e uma pré-entrevista não gravada com Suleiman Radi Muhd Rayyan, comerciante do município e um dos representantes da Sociedade Benfícete Islâmica de Uruguaiana e da Sociedade Árabe-Palestina de Uruguaiana. Tanto a pesquisa quanto a pré-entrevista foram formas de aprofundar o conhecimento de aspectos teológicos e dogmáticos da religião e da comunidade árabe muçulmana de Uruguaiana e, então, nortear a construção de um roteiro de perguntas além de definir as fontes que seriam entrevistadas.

Questionei durante a pré-entrevista principalmente sobre a história do Islã e da comunidade árabe no município, ambas intimamente ligadas aos imigrantes palestinos, que iniciaram a imigração para Uruguaiana em 1950 e trouxeram consigo a religião. Outras perguntas giraram em torno da organização religiosa da comunidade, como por exemplo como é feito o uso do calendário islâmico no dia a dia, como é a realização das orações e qual é o papel e função do Sheik.

O objetivo desde o início era conseguir entrevistar no mínimo três fontes que constituiriam os personagens do documentário. Uma delas seria o Sheik da mesquita, título dado a alguém formado em estudos islâmicos e especializado no ensino da religião, que recebe o dever de cuidar de uma mesquita, dirigindo orações e orientando a comunidade muçulmana. Assim, usando conceitos do jornalismo, o Sheik serviria de fonte especializada,

por ser detentor de conhecimentos específicos sobre o Islã, e institucional, por representar, enquanto autoridade religiosa, a comunidade muçulmana (SCHMITZ, 2011).

Suleiman explicou que em Uruguaiana, assim como em diversas regiões do Brasil, Sheiks estrangeiros são enviados a cada três anos para chefiar as mesquitas do país e atender as comunidades muçulmanas brasileiras. O Sheik de Uruguaiana, Dr. Ali Saber, foi enviado por meio do Ministério de Assuntos Religiosos do Egito (Wizaret Al-Awkaf), que mantém acordo com as Sociedades Benéficas Islâmicas do Brasil. Por não falar português, apenas árabe, seria necessário um tradutor para entrevistar o Sheik.

Outra fonte almejada era um muçulmano de origem árabe, que pudesse fornecer informações sobre a comunidade. Suleiman se ofereceu desde o início para fazer tanto a tradução para o Sheik e se dispôs a falar sobre a colônia árabe, ficando estabelecido como a segunda fonte do trabalho.

Por fim, busquei como última fonte um muçulmano convertido. Foi definido que, de preferência, essa fonte deveria ser uma mulher, para oferecer também a perspectiva feminina da vivência da religião, um dos pontos de polêmica na cobertura midiática do Islã no Brasil como destacado por Montenegro (2002b). Através da sugestão de Suleiman, foi feito contato com Marília Carabajal, que se converteu no início de 2022 e aceitou relatar sua experiência. A participação de uma mulher convertida como fonte também foi importante pois a maioria dos brasileiros que se convertem ao Islã são mulheres (RIBEIRO, 2012), o que permitiria abordar esse fenômeno.

5.2 Produção e entrevistas

Durante a produção do documentário, iniciam-se a captação de imagens e entrevistas com as fontes selecionadas (PUCCINI, 2009). As entrevistas com as três fontes foram marcadas para um mesmo dia no qual todos estavam disponíveis, 15 de setembro de 2022, na mesquita do município. Devido a necessidade de imagens e áudio de qualidade, foi contratada uma produtora de vídeos de Uruguaiana para realizar as filmagens. A entrevista com o Sheik e Suleiman tiveram que ser feitas em conjunto dada a necessidade de tradução para as falas do Dr. Ali. A gravação com Marília Carabajal aconteceu no mesmo espaço, a sala de oração da mesquita, porém voltada para outra direção. Como as entrevistas foram longas, não houve tempo nesse dia para captar imagens da mesquita ou de orações para ilustrar o documentário.

Os enquadramentos utilizados foram plano americano, plano médio e primeiro plano. A utilização de duas câmeras permitiu usar enquadramentos diferentes durante as entrevistas e quebrar a monotonia em falas longas.



Sheik Dr. Ali e Suleiman foram entrevistados juntos para facilitar a tradução.



Diferentes ângulos puderam ser explorados durante as entrevistas.

Mais imagens em geral foram feitas posteriormente com o uso de câmera pessoal já que o áudio de qualidade profissional não era tão necessário. Foram captadas principalmente

as orações sendo realizadas, detalhes da mesquita e imagens de Uruguaiana. Elas foram feitas em dois dias diferentes; primeiro fiz imagens da cidade e da mesquita vazia, pois havia muitas poucas pessoas orando no dia. Depois voltei numa sexta-feira, dia sagrado para os muçulmanos que comparecem em grande número na mesquita, para gravar a oração. Optou-se pelo plano geral, plano médio e plano detalhe.

Uma das limitações durante as gravações se deu pelo fato de que a reza de homens e mulheres ocorre em salas separadas na mesquita e não é permitido que homens entrem na sala feminina; assim, não foi possível obter imagens de apoio de Marília Carabajal ou imagens das mulheres muçulmanas da comunidade orando.

5.3 Pós-produção e montagem

Após as gravações, a pós-produção tem início com a análise do material coletado, seleção de imagens e a elaboração do roteiro com uma introdução, desenvolvimento e encerramento (PUCCINI, 2009).

Na análise das imagens, desenvolvi um roteiro escrito que depois guiaria a edição do produto. Neste momento foi necessário tomar as decisões sobre como funcionaria a narrativa. Optei por não utilizar voz-over ou offs e conduzir a narrativa através das falas dos personagens, no formato “talking heads”. Nichols (2010, p. 74) explica que a voz de um documentário “diz respeito a como a lógica, o argumento ou o ponto de vista nos são transmitidos.” Ao deixar que somente os personagens falem e exponham sua fé buscou-se fazer com que a lógica informativa do documentário provenha dos entrevistados, daqueles que vivenciam o Islã, evocando a ideia de que eles falam sobre si mesmos para o público, mesmo ciente de que até mesmo isso reflete a subjetividade e as escolhas do diretor, o que tornam a produção somente uma representação da realidade.

Desde o início, apesar de não querer usar narração no estilo “voz de Deus” decidi fazer uma tradução em voz over sobre as falas do Sheik ao invés de usar legendas ou a tradução feita durante a gravação por Suleiman, já que isso aumentaria demais a participação deste e tiraria o tempo de tela do Sheik.

A sequência de abertura do produto foi feita com o intuito de fornecer contexto sobre o que se trata o documentário e engajar o espectador, assim, utilizou-se demonstrações de orações com Suleiman traduzindo a reza e explicando mandamentos da religião. O título do documentário aparece logo em seguida em letras brancas e fundo preto e encerra a sequência de abertura.

O nome escolhido para o trabalho foi *Fronteira de Fé*, por representar um caráter importante da região onde Uruguaiana está localizada, a Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, já o subtítulo *a prática do Islã em Uruguaiana* evoca com clareza o tema da produção.

A black rectangular box containing the title in white, bold, sans-serif capital letters. The title is centered and consists of two lines: 'FRONTEIRA DE FÉ' on the top line and 'A PRÁTICA DO ISLÃ EM URUGUAIANA' on the bottom line.

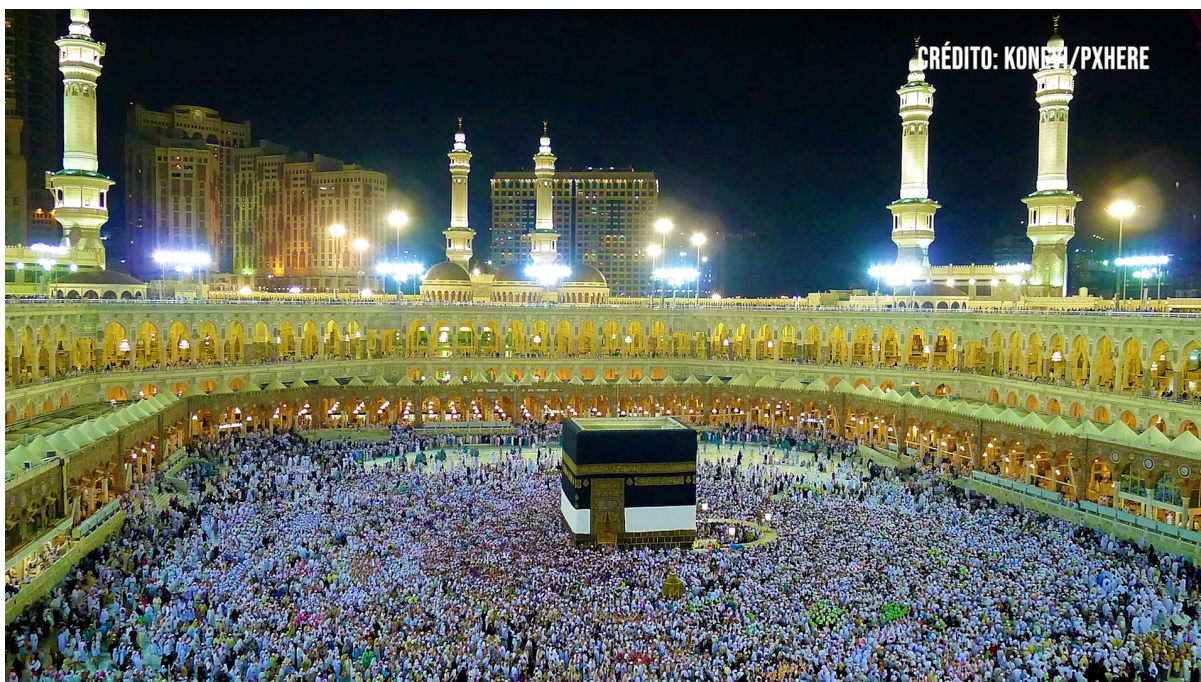
FRONTEIRA DE FÉ

A PRÁTICA DO ISLÃ EM URUGUAIANA

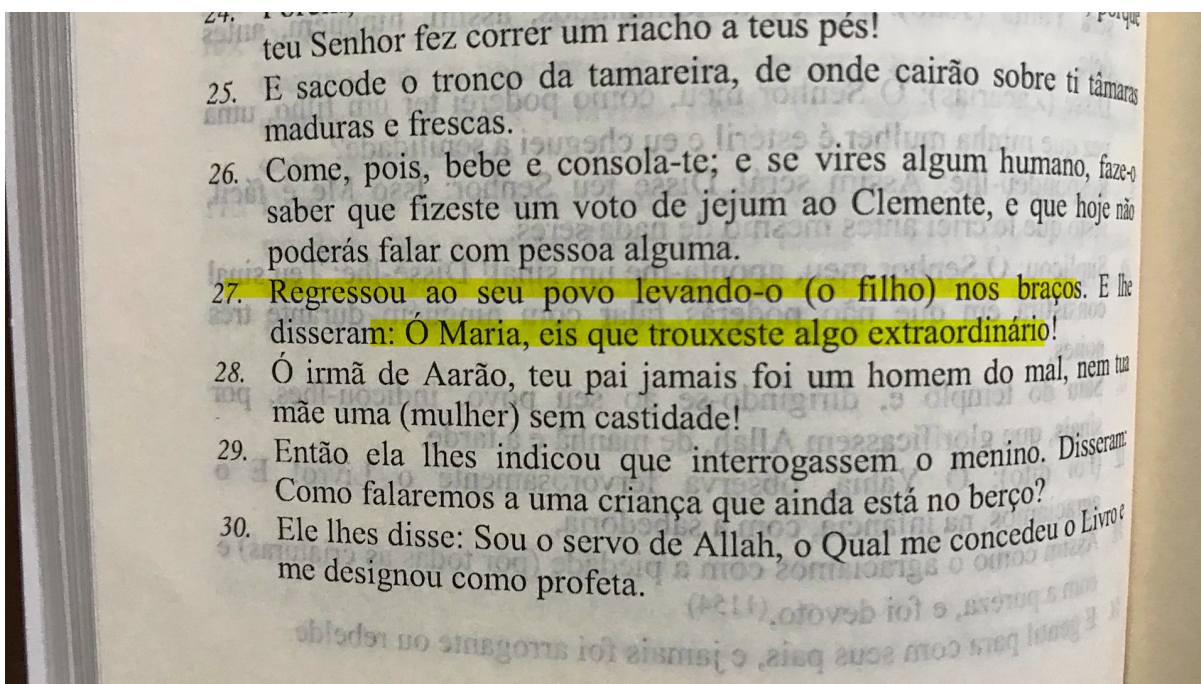
A sequência intermediária inicia com imagens de Uruguaiana e da mesquita, localizando o espectador. Em seguida temos uma fala do Sheik e a apresentação do personagem. Ele explica as bases da fé islâmica.

Essa sequência é a maior de todas e intercala depoimentos sobre a comunidade árabe-palestina, as relações e diferenças do Islã com o cristianismo e a visão sobre Jesus Cristo, a história de conversão de Marília, os pilares do Islã e costumes próprios da comunidade muçulmana como o uso do véu, as restrições alimentares e a celebração do Ramadã, principal feriado islâmico, além da história do Sheik e um resumo de sua função.

Nesta parte foi utilizado o recurso de fotografias para ilustrar falas. Uma delas diz respeito à cidade de Meca, onde nasceu o profeta Mohamed e hoje é considerado local sagrado para os muçulmanos. Como a visita à Meca é um dos pilares da religião islâmica, foi considerado necessário retratar o local. Os créditos da foto foram colocados na parte superior direita da imagem.



Visto que vivemos em um país de maioria cristã, foi considerado importante trazer as relações entre esta religião e o Islã. Em uma fala do Sheik sobre a figura de Jesus e Maria dentro do Alcorão, usou-se a foto de uma página do livro, destacando um versículo sobre o tema citado como forma de enfatizar a explicação do personagem e contextualizá-la.



A sequência de encerramento faz um retorno ao tema da oração, buscando retratar e reforçar a experiência espiritual dentro da religião. O relato de Suleiman com a tradução da reza e a explicação sobre como funciona uma oração é usado novamente junto de falas sobre a mensagem e o objetivo do Islã no mundo. Imagens demonstrando a oração cobrem quase toda a sequência.

Como destaca Nichols (2010, p.76), a voz do documentário é expressada através do arranjo tanto de imagens quanto de som. Assim, a trilha sonora foi criada usando muito do som das orações gravadas *in loco* na mesquita, buscando novamente a representação da experiência espiritual dos muçulmanos e tirando vantagem do fato de que a maioria das orações no Islã são recitações cantadas e melódicas do Alcorão. Além disso, utilizou-se como som do documentário momentos do sermão do Sheik para os fiéis. Para o resto da trilha foi usado algo simples, principalmente acústicos de violão, que servem principalmente para acompanhar transições.

A edição e montagem em si do documentário não apresentaram grandes problemas, principalmente por ter seguido uma dinâmica intuitiva, seguindo este formato de roteiro com sequência de abertura, sequência intermediária de desenvolvimento com encadeamento dos assuntos tratados e uma sequência de encerramento. A edição final ficou com 22 minutos de duração.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de um interesse pessoal por religião e comunicação e após notar a falta de dados e conteúdo sobre a proeminente comunidade muçulmana e árabe de Uruguaiana, o desejo de abordar o tema em um produto audiovisual surgiu e resultou na produção do documentário jornalístico audiovisual “Fronteira de Fé: a prática do Islã em Uruguaiana”, que almejou evidenciar a vivência religiosa desse grupo e a diversidade de fé presente no município.

Tendo como objetivo geral a produção do documentário como forma de lidar com a falta de informação sobre o grupo que se buscava representar e investigar, foi necessário ir diretamente aos membros da comunidade árabe-palestina de Uruguaiana, que iniciaram a prática do Islã na cidade e até hoje constituem o maior grupo de seguidores da religião.

Procurando retratar também a base e as particularidades do Islã, recorremos a um membro da comunidade árabe, que pudesse falar sobre a história do islamismo na cidade, e ao Sheik do município para fornecer informações especializadas sobre a religião. Por fim

buscou-se a participação de uma uruguaianense que se converteu ao Islã como forma de abordar essa experiência religiosa.

A produção serviu como um novo e bem-vindo desafio na graduação. Permitiu aprofundar o conhecimento teórico sobre o que é e como se faz um documentário, conhecer melhor a comunidade islâmica de minha cidade natal e estimulou o exercício da alteridade e a reflexão sobre como, enquanto jornalistas e comunicadores, podemos abordar um tema como religião com honestidade e simplicidade, mas sem reduzir o assunto ou fugir de sua complexidade e nuances. O aspecto técnico da montagem serviu para aprofundar o conhecimento e a prática da edição de vídeo, já treinada durante a graduação, mas nunca em um produto documental ou com essa duração.

Com o relato dos três personagens foi desenvolvido um produto audiovisual curto e de fácil acesso, que, espera-se, possa vir a clarear a perspectiva dos espectadores sobre a vivência religiosa muçulmana em Uruguaiana, fornecer conhecimento básico sobre o Islã a quem assistí-lo e desmistificar ou clarear tópicos sobre a religião e a comunidade muçulmana uruguaianense.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Magali do Nascimento. **Religião no noticiário**: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro, E-Compós, Brasília, v. 19, p. 1-21, 2016.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker Editores / Edusp, 2000.
- GRUSZYNSKI, Ana; HOEWELL, Gabriel. **O audiovisual jornalístico no YouTube**: um estudo exploratório do canal Nexo Jornal. In: 15º SBPJor – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Anais), São Paulo, 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/859/527>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- IBGE. Censo 2010. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/censo/censo 2010](http://www.ibge.gov.br/censo/censo%202010)>. Acesso em: 2 dez. 2022.
- JARDIM, Denise Fagundes. **Os imigrantes palestinos na América Latina**. Estudos Avançados [online]. 2006, v. 20, n. 57, pp. 171-181. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200013>>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Editora Aleph, 2008.
- MARQUES, Vera Lúcia Maia. **Os muçulmanos no Brasil**. Etnográfica, v. 15, n. 1, pp. 31-50, 2011. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/777>. Acesso: 7 dez. 2022.
- MELO, C. T. V. de; GOMES, I. M.; MORAIS, W. O Documentário Jornalístico, Gênero Essencialmente Autoral. **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**, Campo Grande, 2001.
- MONTENEGRO, Sílvia. **Identidades muçulmanas no Brasil**: entre o arabismo e a islamização. Lusotopie. n. 2, 2002: 59-79.
- MONTENEGRO, Sílvia. **Discursos e contradiscursos**: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil. Mana [online]. 2002, v. 8, n. 1, pp. 63-91. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93132002000100003>>. Acesso em: 6 dez. 2022.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- NODARI, Sandra. **Ônibus 174**: a relação entre imagem e voz no telejornalismo e no documentário. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagem) - Universidade Tuiuti do Paraná. Pós-Graduação em Comunicação e Linguagem, Curitiba, 2006.
- PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- RAMOS, Fernão. **O que é Documentário?** in: Ramos, Fernão Pessoa e Catani, Afrânio (orgs.), Estudos de Cinema SOCINE 2000, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **A Implantação e o Crescimento do Islã no Brasil**. Estudos de Religião, Brasil, 26, dez. 2012. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/3082/3273>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SBARDELOTTO, Moisés. **Da religião à reconexão**: novos modos de ser e fazer religiosos em tempos de midiatização digital. PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM, v. 2, p. 71-83, 2018.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de Notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**: Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Marco Túlio de. **Igreja eletrônica, religiosidade midiática, religiosidade midiatizada**: Conceitos para pensar as relações entre mídia e religião. MATRIZES (USP. IMPRESSO), v. 15, p. 275-298, 2021.

WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. **Os muçulmanos no Brasil**: elementos para uma geografia social. ALCEU –v. I –n. 2. Jan-jul. 2001.